

Nils Skare

A
ANTIBRUMA

2008

(L·DOPÄ)
PUBLICAÇÕES

Para meu pai.

“Mas, ouve, coração, o canto da equipagem.”
- Mallarmé

1

Quando conto encontro-me em constante navegação. Há um rio rumo ao mar que me atravessa, agora, em algum canto. Não encontro em cataratas, descuidado, um instante de tormenta. Não atraco sem âncora ou calculo sem sextante, mas ousa o que não se tenta, isto é, fazer do navegante no mar que marejo um instante, um instante sem pranto, sem riso, sem dor. As marés, deusas, ao ouvirem o que conto, não recordarão das sereias, não serenarão no coração, mas coradas de vergonha consentirão que certas terras sejam mar também. Logo um dia me encontrará, consoante ao meu desejo, em que o mar tudo cubra, e, claro, meu conto contra cada canção decida se o mar conta à onda seu segredo, ou se é a onda que cala no mar seu credo. E se acaso crio uma crença própria de dar ao mar voz, mal

nós nos afastamos da praia e já encontramos o que nos faltava. Não há palavras que o digam. Não o sabemos. O que é? Que contraponto encontra cada ponto para sua melodia marítima, e quem o canta? E que navio levaria na memória o que cada sereia diria? Ela riria das regras rígidas dos marinheiros, que proíbem mulheres a bordo? Ela perguntaria se querem ouvir o louvor dos seres aquáticos ao deus do sal? Ela esconderia as lembranças para levá-las a ilhas perdidas? Não. Monstros marinhos nascem da impossibilidade de imaginar um mistério sem cúmplices. Quem se atira ao oceano, que se atire também à bruma que cobre o abismo. Não só o do mar, não só a domar essa névoa o homem que traz vasto o peito e assim se atira. Se do mundo se retira, expira o corpo, mas não o mistério. Dar ao mar voz, e ouvi-la. A onda da maré se entrega como um condenado à praia quando garoa, como essa chuva fina que cai agora. Embora as águas escondam, elas revelam escondendo. Que não se sonde o mar, é tudo o que peço. A alma desvenda a si mesma - o tempo é o remo que impulsiona seu barco. E o oceano, a si mesmo sendo, é. O mar nada simboliza. O mar nada tem que ver com os homens. Se o remo da alma é o tempo, o oceano se ri porque carece de remos e é anterior ao tempo. Só o mar, em sua vastidão, pode afogar o deus dos relógios. É por isso que o tempo nos seca, porque nos falta água. Mágoa da velhice essa? Secar, murchar, virar poeira? Mas é o tempo quem fez essas proezas. O mar também é prodígio em prodígios, que se revelam ali onde ninguém pensa que eles se escondem. Escandem todos os versos da praia as ondas, escrevem nas

dunas suas memórias e escavam conchas profundamente adormecidas. Esquecidas, as pegadas na areia são gentilmente tragadas pela memória do mundo, não do tempo. O mundo escondido no abismo, o abismo escondido nas águas, as águas escondidas no horizonte. Desconhecidas são as vozes interiores à do oceano. Desconhecida é qualquer voz anterior à do oceano. O tempo foi o primeiro monstro marinho. Monstros me diriam se o mar me chamasse, e mediriam meus remos para me atirar ao profundo. Merece abandonar o mundo? Segundo os homens o mar inunda o peito, e eu mesmo inundo os olhos ao me imaginar abandonando tudo o que já foi feito por mim. E o que fiz? Atire-o ao mar, penso em alguns momentos. Mas logo retrocedo. É cedo ainda para dormir, e talvez eu tenha uma história. Mas logo me rendo a um medo, de que a história escape não a você, mas a mim. E lembro, é claro, que o que conto se encontra sempre a navegar. Não há história que termine, nem mar que esconda algo que não possa esconder mais ainda. Se algo me define por pertencimento, o conjunto só pode ser o oceano. Uma história, digamos, que nos traga nossos instantes, que naufraga nossos instintos e que navega nossos sentidos. Isso não te diz, não te dá, não te dói? Relatos de navegantes falam sempre de vastidões interiores. Então escute. Eu tinha oito anos. O Antônio ainda não tinha nascido. Naquela época a escola se alternava com a brincadeira, um rio corria no meu mundo, mas circulando, sem nunca avançar, sem nunca desaguar. Como? Sim, todos nós nos lembramos disso na nossa infância. Estranho. Isso não me deixa triste. Costumava deixar até há al-

gum tempo. Na verdade, faz bastante tempo. O tempo espirala e se esconde, o futuro pede, o passado lembra e o presente é. Não, não é assim como você está pensando. Eu me expresso mal. Nunca contei esta história. Não posso nunca ter contado essa história, do contrário não estaria aqui, contando-a. Ah é? Pois eu não acho nada estranho nisso. O passado morreu de presente. O mar não obedece nem comanda. Todos os mistérios voltam ao homem, mas o mar não volta. Não volta, não termina, não começa – não. Escute, eu tinha só oito anos mas me lembro muito bem. Lembro como posso, sem estar ainda morto. Que é como se pode lembrar. Se quiser navegar minha alma, só posso usar um remo. Você tem razão, é bem pouco e não muito confiável. Meu remo e minha barca. Quem são? Um aliado e uma esperança. Não sei se entendo muito bem o que você quer dizer. Se lembro, é porque algo me permite. Não sou eu mesmo. Eu poderia muito bem não me permitir nada. A maré traz tesouros à praia. Claro, claro, eles tiveram que ser perdidos antes. Talvez não bem isso. Perdidos no fundo do mar, o que não é bem ser perdido. Perco a paciência, perco dinheiro, perco a chave do carro. Ótimo. Mas perder algo no mar é completamente diferente. Agora você ficou curiosa? Bem, eu tinha só oito anos. Mas uma percepção lancinante me fez diferente. Eu perdi um brinquedo. Isso te faz sorrir? É que você, é que nós já não entendemos muito mais o que é um brinquedo. Claro, pensamos sobre o fato – mas nossas brincadeiras são menos coloridas, ainda que mais dispendiosas. Talvez você já esteja imaginando, o brinquedo era um barquinho. Um barquinho de plástico.

Ele sempre me acompanhava quando minha mãe enchia a banheira. Na verdade, bem. É estranho. E não tão estranho assim. Era só um brinquedo como os outros. Eu não tinha realmente um brinquedo favorito. O soldadinho de chumbo, o coelhinho de pelúcia, o caminhãozinho; e, entre eles, o barquinho. Nada de mais. Um barquinho entre tantos outros brinquedos. Era um sábado. Sim, eu lembro, não estou inventando nada. Eu levei os brinquedos para a sala, como eu costumava fazer, e liguei a televisão. Naquela época televisão ainda era novidade, mas as crianças já eram fascinadas por ela. Coloquei todos os brinquedos em duas fileiras na frente da televisão. Eu brincava e assistia televisão ao mesmo tempo. Enfim, notei a falta do barquinho. Voltei ao meu quarto – naquela época o quarto era só meu, já que o Antônio ainda não existia, mas acho que já falei isso – e procurei por tudo. Depois fui atrás de minha mãe e disse, já meio lacrimoso, que não conseguia achar o barquinho. Ela me disse para procurar bem. Estava lendo uma revista e não estava muito a fim de ser perturbada. Claro que sim! Ela estava lendo uma revista, não estava cozinhando ou falando ao telefone. Sim, eu lembro. Sim, eu só tinha oito anos. Porque sim, oras. Como eu consigo? Pelo risco de ontem e de sempre, claro, para que mais serve memória? Não, não, não. Eu tenho certeza absoluta que ela estava lendo uma revista. Meu pai gostava de ler jornal e minha mãe, de ler aquelas revistas da época. É óbvio, se ela estivesse fazendo outra coisa, eu lembraria. Não se pode lembrar de tudo, mas sempre se lembra de alguma coisa. O mar está agitado, os barcos estão voltando. Não te parece que esta

chuva vai longe? Aposto como vai engrossar. De qualquer forma, o mar está agitado. É preciso voltar. Mas mesmo que você não consiga voltar, isso não significa que o barco naufrague. Não é tão difícil de entender. Claro que eu não estou contando isso por nada. Tenho essa imagem já há muito tempo – os barcos que não conseguem voltar da tempestade. Mas que não se perdem. Mas meu barquinho de brinquedo havia se perdido. Era um sábado e meu pai não havia chegado em casa ainda. Eu pretendia recorrer a ele para que meu barquinho retornasse às minhas mãos. Tentei falar novamente com minha mãe, e com a voz manhosa reclamei da falta do meu brinquedo. “Se você perdeu, perdeu”, disse ela. Comecei a chorar e isso só a deixou mais brava. As mães são como o mar, dizem muitas pessoas, mas na verdade é o mar que é como uma mãe. Não, não acho que o mar seja símbolo do que quer que seja. A mãe natureza? Isso é engraçado. Pai, mãe, quem gerou o oceano? Não, não há nada de feminino no oceano, nem de masculino, se é isso que você quer saber. O mar é algo sempre antes de qualquer imagem e não se presta a metáforas. O oceano é duro, morada de monstros que não moram ali, símbolo de uma outra metade que nunca existiu, único falante de uma língua sem voz. É claro que eu preciso me esforçar. Se é um esforço inútil? Nos sentimentos a utilidade é uma aberração. Que meçam o abismo. Que contem cada gota. Antes da noite inicial, quando surgiram as primeiras estrelas para serem enumeradas, o mar já existia. Seu ruído seguro e doce está em toda voz humana. Basta ouvir. Você consegue? Aqui, na minha voz, está o oceano, atirando suas ondas

às praias com cada palavra que articulo. E a minha voz magoada, aos oito anos, pedindo à minha mãe que achasse o barquinho de brinquedo. Nunca havia me ocorrido aquilo. Certo, eu já havia perdido coisas antes, mas elas não eram dotadas de alguma estranha qualidade indescritível, como a que tem o mar, de fazerem falta. Meu pai chegou, e corri para ele. Cuspi a situação sem conter a tristeza. Ele apenas disse: “Daqui a pouco aparece.” Levei todos os meus brinquedos de volta ao meu quarto. Depois voltei à sala e assisti televisão para enganar o desapontamento. Fiquei ali por um bom tempo. Mas eventualmente chegou a hora de tomar banho, de jantar e, enfim, de dormir. Eu tinha alguns livrinhos no meu quarto, e acabei escolhendo um que falava sobre o mar. Era um livro desses com fatos curiosos para crianças, como bichos estranhos, alguns dados científicos, descrições de barcos e afins. Havia uma página dedicada à lenda do terrível dragão do mar que destroçava barcos e afogava marinheiros. Aquilo apenas alimentou minha vontade de ter novamente comigo o barquinho. Para poder enfrentar dragões, digamos assim. Havia uma página dedicada ao polvo gigante. Havia uma figura de que me lembro muito bem mostrando aquele monstro agarrado a um pobre submarino. Havia algumas páginas bastante didáticas sobre a pesca no Mediterrâneo. Havia uma heroica seção dedicada aos navios-médicos. Finalmente, lembro de um texto sobre as usinas do futuro que captariam energia das marés. Desculpe, não entendi muito bem. Talvez. Peguei aquele livro dedicado aos tesouros do mar pela ausência do barquinho. Mas aquilo apenas alimentou a

ausência. A chuva está engrossando, não está? Sim, eu sei. Havia outros livros daquela coleção – sobre a África, sobre o espaço e sobre os dinossauros. Mas aquele ali, de capa azul e com um desenho de um navio na capa, bem, esse se tornou meu favorito naquele mesmo instante. O mar? O mar passou a me preencher naquele instante, e eu, minuscilmente, imperceptivelmente, preenchi um pouco do mar. Venho preenchendo, desde então, alguns mares, navegando com remos sobre as ondas. E olhando para o fundo, sem distinguir muito. Não sei se você está entendendo. Entender não é nada difícil. Porém desfazer desentendidos é tarefa das mais árduas. Entender não se dá em linha reta e, quando se dá, surgem os desentendimentos. Se sou uma flecha, voou. Nada mais difícil para o entendimento, que não é faculdade capital. A faculdade da flecha é voar. Aterrissar no alvo é capital. Entendem-se o alvo e a flecha? O alvo pode não ter a faculdade de ser alvejado. A flecha pode não almejar faculdade alguma se não voar. Voará em linha reta? Há sempre o perigo. Se a flecha nada almejar além de voar, por que será flecha e não, digamos, pássaro? E qual flecha, me diga, pode alvejar o mar? E lá estava eu, deitado e triste. A chuva está realmente engrossada, você consegue sentir. Mas fiquei com vontade de falar da pobreza de nossos verbos para o choro, quando de dores tantas e variadas como aquela minha. Mas não irrompi em pranto, e a proteção que, do livro, me davam aquelas imagens e histórias, me faz pensar no vocabulário enriquecido que teríamos em nossa língua com uma palavrinha para designar a sombra de uma lágrima. O livro espelhou meu mundo.

Olhei-me nele, e, intrigado, flutuei nas águas, conduzido sabe-se lá por qual emoção. Emoção para a qual, sei, não há nome entre nossa espécie. A esperança mora em quartos onde crianças tecem com devaneios, longe de seus pais, seus próprios destinos, biografias de vidas futuras, monólogos para uma voz que tem por fundo as ondas do mar.